

ARTE E CULTURA POPULAR: AÇÃO EDUCATIVA COMUNITÁRIA COM O PÚBLICO INFANTOJUVENIL DO CRAS/ UPANEMA – RN

Gislaine Mendonça Bezerra¹
Anne Janaina Toscano dos Santos Silva²
Orientador do Trabalho: Emerson Augusto de Medeiros³

RESUMO

A educação está nos diversos espaços, possibilitando que se leve em conta as características e definições de cada modalidade social e comunitária. Com a utilização do espaço não formal no processo de ensino-aprendizagem, podemos destacar que os sujeitos deste ambiente estão preparados para enfrentar os desafios dos tempos modernos e cumprir seu papel como atuantes de suas ações culturais, cognitivas e intelectuais para a prática da cidadania. Com isso, este texto foi construído, conjuntamente, por meio de um projeto educativo comunitário, com os educandos do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS). Tem como tema “Arte e Cultura Popular: Ação Educativa Comunitária com o Público Infantojuvenil do CRAS/ Upanema (RN)”, tendo como objetivo incentivar os sujeitos deste espaço, por meio da arte e da cultura popular, a desenvolverem suas potencialidades. O projeto foi desenvolvido em cinco etapas: a primeira foi destinada para apresentação e construção de uma história, em seguida foi escolhido o tema da peça teatral, já o terceiro e quarto momento foram designados para os ensaios da peça “A Menina Negra que Sofria Racismo”, e para finalizar ocorreu a culminância da ação educativa e cultural. O referido projeto educativo comunitário atribuiu momentos de reflexão que pôde proporcionar na vida dos participantes deste ato, conhecimentos relevantes, contribuindo para o desenvolvimento social, cultural, político e crítico na busca da aceitação das diferentes raças e etnias que estão sendo ampliadas diariamente.

Palavras-chave: Educador Social. Cultura Popular. Peça Teatral. Práticas Educativas Comunitárias.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é oriundo do projeto de intervenção que foi realizado no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) de Upanema (RN), no qual são desenvolvidas atividades socioeducativas para os sujeitos que se encontram em vulnerabilidade social de várias faixas etárias do município, a saber: crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Neste sentido, o projeto foi elaborado para contribuir com o ensino-aprendizagem por meio da arte teatral com os jovens e adolescentes que participam das atividades desenvolvidas na instituição, através de diferentes práticas educativas. Portanto, entre as atividade

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, gislainebezerra09@outlook.com.

² Graduada do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, Annetooscanoledoc2017@gmail.com.

³ Professor orientador: Doutor em Educação, Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, emerson.medeiros@ufersa.edu.br.

desenvolvidas no CRAS de Upanema (RN) busca-se construir e colaborar para a socialização dos seus membros, trabalhando suas relações sociais, dentro e fora do espaço. Assim, o projeto visou a interação das crianças, jovens e adolescentes com a arte teatral, a leitura, a escrita, as práticas educativas e a sociabilidade como no todo, enfatizando o papel do educador popular/social e suas práticas de ensino-aprendizagem.

Pensar o ensino e a representação da arte para a construção social dos sujeitos implica em contribuir para que o público infantojuvenil que está inserido nesses espaços de cunho social se torne sujeitos atuantes no meio artístico, como na dança, teatro, música, pintura, dentre outros. O contato com a arte e a cultura que os participantes têm possibilita a valorização de seus conhecimentos prévios, das suas vivências, assim como fortalece os vínculos com ações culturais e históricas.

Os projetos educativos desenvolvidos nos espaços sociais são de caráter interdisciplinar, cultural e cognitivo, pois proporcionam ao público infantojuvenil oportunidades de socialização, leitura, entre outros, visando incentivar o público-alvo ao sonho de uma carreira artística, ou seja, através da arte o mesmo tem a oportunidade de se construir socialmente, já que está envolvido nas manifestações culturais, tendo que trabalhar suas habilidades, competências para o mercado de trabalho, assim como para o meio educacional.

Dessa forma, o contexto social vem sendo influenciado a exercer hábitos de subjugar os sujeitos que se encontram em cenários de precarização do espaço educacional, sendo estes excluídos da sociedade devido aos grandes fatores sociais e econômicos, os quais podem ser citados: a gravidez na adolescência, o trabalho precoce, o uso de drogas, a violência doméstica e bullying. Estes fatores ocasionam o afastamento dos alunos (as) do espaço educacional, influenciando direta e indiretamente o seu contexto social.

A história que embalou nossas ações aborda um relato escrito de uma menina que é participante das atividades do CRAS, a qual retrata um tema bastante relevante para a sociedade no geral, pois a mesma expõe fatos reais que são vistos constantemente nos dias atuais. A partir desta construção de texto foi possível elaborar uma peça teatral, contando situações de preconceito racial sofrido contra a mesma, já que a menina queria ser uma juíza de renome para assim ajudar outras pessoas que se encontram em situações de desigualdade social. Destacamos que o racismo se fortaleceu desde o período de colonização do Brasil, por ser o último país a abolir a escravidão, conseqüentemente, influenciou até os dias atuais para a exclusão da população negra, que por diversos fatores sofreu constantemente com ações de inferioridade e desigualdade.

É por meio das décadas anteriores e da atualidade que podemos destacar o quão a sociedade é carente de formação, a qual tende a marginalizar pessoas que não seguem os padrões que são impostos pela sociedade dominante. Historicamente, vivemos em situações de desigualdade econômica, social, política e cultural, dado a isso, quem mais sofre são as populações que se encontram em vulnerabilidade. Na maioria das vezes são as pessoas negras, que desde o período de colonização das terras brasileiras percorreram cenários de extrema marginalização, exploração, preconceito e racismo.

No entanto, enfatizamos que a população negra lutou e luta constantemente para ter seu lugar na sociedade, na qual muitos necessitam mostrar que estão preparados para exercer cargos vistos como de renome. Neste contexto, o negro foi visto como um ser inferior, onde não devia estar em locais significativos e de prestígio social devido a cor da sua pele ou por não ter acesso a conhecimentos e qualificações, já que, na história, ele não poderia estar inserido nas escolas, pois era destinado para a elite. Entendemos que a população negra necessita estar no mesmo patamar que a população branca na busca de seus direitos e deveres, na busca de uma sociedade justa e igualitária para todos.

Portanto, as atividades desenvolvidas no CRAS de Upanema – RN tendem a construir e colaborar para a socialização dos seus membros, sendo que o projeto educativo desenvolvido por nós visou a interação do público infantojuvenil com a arte teatral, a leitura, a escrita, as práticas educativas e a sociabilidade. O projeto também buscou fazer um intercâmbio educacional entre os alunos da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido e os espaços de educação não formal, na promoção de práticas educativas.

O texto, oriundo do desenvolvimento do projeto educativo comunitário, está organizado da seguinte forma: inicialmente relatamos as ações do educador social: da formação às práticas educativas; no segundo momento dialogaremos sobre o projeto teatral: a menina que sofria racismo. Ambos os tópicos retratam o processo de desenvolvimento criativo, autônomo, crítico e comunitário que abrange os sujeitos que se encontram em situações de vulnerabilidade social e econômica do CRAS de Upanema – RN. Por último, dialogamos a respeito das considerações finais.

EDUCADOR SOCIAL: DA FORMAÇÃO ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS

A educação popular assim como os espaços que a permeiam, nasce do enfrentamento, das lutas e resistências de povos oriundos das camadas populares pela necessidade de

subsidiar as lacunas deixadas pela educação formal, ou institucional em diferentes campos. Ela nasce em diferentes contextos, entre eles citamos a saúde, a educação, a política, entre outros. Ela nasce do poder de fala, de espaço e representatividade de diversos grupos marginalizados na sociedade. Assim, para entender esse contexto se faz necessário destacar o papel do educador social e como suas práticas educativas são importantes nesse processo de construção de ensino e aprendizagem na educação popular.

Neste sentido é preciso compreender que não existe uma educação acima da outra, mas sim, duas ou mais que se completam, pois todo saber é importante. Assim, a educação popular nasce para novos aprendizados ou pela falta deles, conforme Gadotti (2012, p.10): “são educações que concebem o Estado e a Sociedade como uma arena (no sentido gramsciano) na qual é preciso marcar posição, garantir conquistas e conquistar novos direitos” [...], já que, precisamos conquistar direitos e deveres que tenham uma contradição diferenciada da educação atual, já a educação popular é composta pelas diferenças, a diversidade, a organização de grupos marginalizados pela reconstrução histórica da sociedade. Assim, "essa diversidade tem em comum o compromisso ético-político com a transformação da sociedade, desde uma posição crítica, popular, política, social e comunitária” (GADOTTI, 2012, p. 11).

Pensar a realidade educacional a partir do educador social e seu papel quanto às suas contribuições para construção de uma consciência crítica, tendo como fundador dessa ideia Paulo Freire, com sua grande contribuição à educação popular, nos leva a valorizar e reconhecer o trabalho desses profissionais, pois os educadores sociais ou populares fazem parte desse processo de construção identitária, junto aos povos marginalizados, que em grande parte sofrem, parcialmente, discriminação da educação institucionalizada (por meio do currículo, especialmente) que é vista pela sociedade como legítima. O educador social quando se integraliza às comunidades e espaços, desenvolvendo um ensino-aprendizagem, conhecendo a realidade social dos seus educandos e de seu contexto de vida, passa a desenvolver práticas a partir de suas vivências e experiências, proporcionando a esses sujeitos a oportunidade de serem protagonistas de suas histórias, permitindo com que reflitam sobre a realidade em que estão inseridos, questionando, buscando direitos, exercendo sua cidadania e promovendo o desenvolvimento para a sua comunidade.

E como podemos identificar o educador social? Esses sujeitos estão inseridos em diversas profissões e áreas afins, mas tendo sua profissão específica colaborando com instituições ou Organizações Não Governamentais – ONGS, dando suporte técnico, ensinando e por vezes até formando para a vida, para o mercado de trabalho e para o processo

educacional, a fim de que determinados grupos consigam se emancipar perante suas vivências e experiências, por isso sua prática inicia pelo conhecimento dos seus educandos, contextualizando com a problemática apresentada. Conforme Gadotti (2012), a necessidade de aprofundar as reflexões, estudos e pesquisas é necessária para que o educador social possa ser reconhecido e valorizado, pelas outras classes educacionais.

Portanto, existem muitos paradigmas sobre o educador social e, sobretudo, suas práticas educativas de educação não formal, aquelas que não estão institucionalizadas em escolas e universidades. No entanto, é válido destacar que ao falarmos de educação comunitária ou de educação popular não se trata de abordar um espaço melhor que o outro, mas sim do público e do trabalho desenvolvido. Segundo Gadotti (2012, p. 12),

Trata-se de um conceito amplo, muitas vezes associado ao conceito de cultura. Daí a educação não-formal está ligada fortemente à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e à participação em atividades grupais, sejam adultos ou crianças.

A educação comunitária e popular amplia a visão dos sujeitos que estão inseridos em ações que valorizam as práticas sociais e comunitárias, além dos conhecimentos de mundo. Sendo assim, é uma ponte e não uma divisão das partes, a educação busca inserir e desenvolver coletivamente o senso reflexivo e crítico dos envolvidos, na busca de transformá-los em seres possuidores de conhecimentos e aptos para as constantes mudanças que vão surgindo na sociedade.

Neste sentido, foi pensando e elaborado o projeto educativo comunitário “Arte e Cultura Popular: Ação Educativa Comunitária com o Público Infantojuvenil do CRAS/ Upanema – RN” desenvolvido juntamente com a colaboração e valorização do trabalho do educador social, partindo da sua autonomia e de suas práticas desenvolvidas com as crianças, jovens e adolescentes que frequentam a instituição. Com o projeto, buscou-se reconhecer as vivências e experiências dos educandos, quando os próprios produziram suas histórias, para que fossem elaborando a peça teatral, para que assim possibilitasse o fortalecimento dos laços de ensino-aprendizagem partindo da arte e da cultura popular.

PROJETO TEATRAL: A MENINA NEGRA QUE SOFRIA RACISMO

O projeto educativo comunitário foi pensado para desenvolver a aprendizagem, a criatividade e a autonomia dos sujeitos do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), pois entendemos que é por meio do teatro que pode se desenvolver a arte e a cultura

popular. A peça teatral foi desenvolvida com o público infantojuvenil, o qual consideramos que são crianças, jovens e adolescentes que pensam, sentem e produzem suas vivências, experiências socioeducativas e transformadoras.

A arte é desenvolvida como um mecanismo que expõe o conhecimento histórico do homem com o mundo, pois vem abordando aspectos sobre a realidade, as vivências, as emoções e as ações que podem transformar a vida de muitos sujeitos que dela têm acesso. Nem todos os sujeitos que estão inseridos na sociedade têm o contato direto com esse tipo de conhecimento, devido muitos não terem possibilidade de conhecer os diversos espaços que retratam a arte como o museu, o teatro e o cinema, mas sabemos que existe arte em muitos locais como a arte de rua, o grafite, o artesanato, as esculturas, a dança, a natureza e as pinturas, dado que o ser humano convive rodeado de arte, mas não tem informação ou reconhece que aquele objeto é uma arte, então os sujeitos estão constantemente envolvidos com a arte.

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de 'aprendizagem'. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia. Entre a complexidade do mundo e a complexidade da arte existe uma grande afinidade (COLI, 1995, p. 109 *apud* VILLAÇA, 2014, p. 75).

A arte pode transformar nossa visão de mundo, já que a mesma tem uma lógica de colorir contextos neutros, reformulando alguns problemas sociais evidenciados pelos seres humanos, além de proporcionar ações de liberdade, pois expressam sua criticidade por meio da arte. Ao vivenciar a arte criamos um leque de novas possibilidades que podemos referenciar a uma linguagem ampla, mas com suas particularidades. Podemos destacar que o maior objetivo da formação artística é simbolizar as experiências humanas, buscando modificações necessárias para que o sujeito possa ser um conhecedor da arte e da cultura.

O teatro é uma ferramenta de extrema importância para os espaços formais e não formais da educação, haja vista que possibilita para os indivíduos deste âmbito o desenvolvimento de sua ludicidade, assegurando interações com a cultura existente no mundo, pois expõe conceitos diferenciados sobre os conhecimentos históricos e científicos, além de exercer uma (auto) avaliação sobre atitudes que são exercidas no decorrer da apresentação

proposta, propiciando novas experiências para quem vivência a construção de novos saberes que estão se modificando com o passar dos tempos.

A palavra ‘teatro’ deriva dos verbos gregos ‘ver, enxergar’, lugar de ver, ver o mundo, se ver no mundo, se perceber, perceber o outro e a sua relação com o outro. Dessa forma, de acordo com a visão pedagógica, o teatro tem a função de mostrar o comportamento social e moral, através do aprendizado de valores e no bom relacionamento com as pessoas (ARCOVERDE, S.D, p. 601).

A proposta do projeto teve como tema “Arte e Cultura Popular: Ação Educativa Comunitária com o Público Infantojuvenil do CRAS/ Upanema – RN”. Destacamos que a partir da história construída e modificada foi possível elaborar uma peça teatral, que teve como base relatos de uma menina que sonhava ser juíza, mas sofreu com a discriminação racial por parte de suas colegas, as quais frisavam que a mesma não podia ser juíza pela cor da sua pele, assim a mesma buscou denunciar e futuramente conquistar seu sonho, visto que, tivemos como base uma história que vem sendo vivenciada por muitos sujeitos e que não chega a ser exposta, pois há uma negação por parte dos envolvidos em querer esconder tamanha opressão e discriminação contra a população negra.

Segundo Vainfas (1986) *apud* Silva (2005) faz pouco tempo que há discussões a respeito sobre discriminação racial. Tais discussões vêm sendo debatidas no âmbito social, tendo em vista que, até os dias atuais existe uma percepção de que no Brasil se tem democracia racial, pois o racismo está interligado ao período escravocrata. No período da colonização, a escravidão se disseminou na América e se perpetuou por vários séculos, lentamente foi sendo abolida, porém, herdando uma cultura preconceituosa e racista. Sabemos que a democracia racial não é verdadeira, tendo em vista a marginalização e discriminação vivenciada pelos negros no país. Com isso, o conceito de racismo se define:

O conceito de racismo, segundo as teorias mais recentes, é mais que discriminar ou ter preconceito racial, é uma ideologia que estabelece hierarquia entre características raciais e culturais e dissemina ideias de que algumas raças, por natureza, são superiores a outras. Essas ideologias impregnaram o orbe cristão colonial e continuam a espalhar ranços e malefícios até hoje. Aqui no Brasil, cinco séculos se passaram e negros e mulatos continuam sendo discriminados pelo homem ‘branco’. Em diferentes momentos e sob diferentes justificativas, sempre foram como seres inferiores em função de sua cor (SILVA, 2005, p.94).

Para a construção da peça teatral intitulada “A Menina Negra que Sofria Racismo”, foi possível compreender diversos temas que contemplaram está escrita com a arte, a cultura popular, o teatro, o educador social/popular e a democracia racial.

Inicialmente, começamos a realização das atividades no CRAS de Upanema – RN, em que apresentamos brevemente o Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da UFERSA, posteriormente o projeto que tem como tema “Arte e Cultura Popular: Ação Educativa Comunitária com o Público Infantojuvenil do CRAS- Upanema – RN, e seu objetivo geral que é incentivar os sujeitos por meio do estudo da arte e da cultura popular, através do meio sociocultural. Em seguida, fizemos uma roda de conversa para dialogar e destacar as etapas do projeto, que no primeiro momento o público-alvo elaboraria uma história intitulado “Era Uma Vez” sobre qualquer tema referente ao contexto que os mesmos estão inseridos ou uma história fictícia.

A elaboração dessa história seria importante para a próxima etapa, pois a partir da mesma o educador social transformou e modificou em uma peça teatral. Sendo assim, os educandos começaram a relatar alguns possíveis temas como “princesas e príncipes”, “15 anos dos sonhos” e “racismo” que fizeram com que algumas pessoas questionassem “o que era o racismo?”. Ao mesmo tempo uma colega respondeu o seguinte: “racismo é preconceito”, posteriormente começou a elaboração das histórias, visto que ficamos auxiliando com algumas dificuldades de escrita que foram surgindo no decorrer da construção das histórias.

Na segunda etapa foram recolhidos alguns textos que faltavam para serem entregues, em seguida o coordenador e o educador social do CRAS fizeram a leitura das histórias e escolheram o seguinte tema: “A Menina Negra que Sofria Racismo”, história essa que aborda fatos marcantes para a vida de uma criança, mesmo sabendo que, infelizmente, são fatores da realidade e da formação do Brasil. Logo após a escolha do tema citado anteriormente o educador social reformulou o texto em um roteiro com cenas teatrais, o qual teria a participação de todo o público-alvo.

Na terceira e quarta etapa o educador social orientou nos ensaios, dos quais também participamos, fazendo registros dos momentos. No primeiro ciclo foi à entrega do roteiro, e a partir do mesmo, a escolha dos personagens. Destacamos que a autora da história é a protagonista da peça. Posteriormente, ocorreu a leitura inicial com todos os participantes, depois o educador social orientou como seria toda a organização da encenação, a qual foi dividida em sala de aula. A cena foi ensaiada várias vezes para uma melhor dramatização e fixação das falas.

A quinta etapa foi destinada para o encerramento do projeto. O momento foi intitulado de: abre-se as cortinas "A Menina Negra que Sofria Racismo" vai começar. Assim, chegou o dia em que a arte, a ficção e a realidade se misturam no processo de ensino-aprendizagem. O

varal com todas as histórias estava montado, para que todos pudessem socializar as produções de textos. Os participantes chegaram e se organizaram a espera da apresentação, gerou burburinhos, mas essa é a beleza de ser protagonista e participante de sua história. Todos os protagonistas da peça e do CRAS que frequentam o turno vespertino e alguns do turno matutino participaram do referido momento. Com grande maestria, eles foram atores de sua realidade.

Neste momento se fizeram presentes todos os envolvidos diretamente e indiretamente no projeto, todos os funcionários presentes na instituição e alguns visitantes que vieram prestigiar a encenação sobre "A Menina Negra que Sofria Racismo".

O roteiro da peça foi adaptado pelo educador social para uma linguagem de fácil compreensão se tratando que no projeto existem diversas faixas etárias e todos estavam participando. Sendo assim, o roteiro ficou dividido em: o receio de Jhenyfer "A Menina Negra" ir para uma escola nova; sua apresentação à nova turma pelo professor, em que no decorrer da aula a turma foi questionada qual seria o sonho de cada um, sendo justamente nesse momento que Jhenyfer sentia na pele a falta de empatia e preconceito dos colegas, que zombaram do seu sonho de ser juíza devido a sua cor e classe social.

No desenrolar da história de Jhenyfer, ela se sente mal pelos atos de racismo contra a mesma, proferido pelos colegas de turma, em conjunto com uma amiga, pede ajuda no conselho tutelar, ela foi ouvida e teve apoio de profissionais para que superasse esse momento. Na sequência da história, passam-se anos e "A Menina Negra que Sofria Racismo" se torna Juíza de Direito, realizando um sonho e vencendo todos os preconceitos sociais, os quais sabemos serem estruturados em nossa sociedade.

A culminância do projeto mostra a importância da instituição para os sujeitos que frequentam este espaço, onde se pode fortalecer a integração social de todos quando se trabalham em conjunto no desenvolvimento de ações; o poder de fala e protagonismo que esses sujeitos encontram nos espaços sociais; o desenvolvimento de um pensamento crítico-reflexivo partindo da sua realidade, assim como, foi a história de Jhenyfer, os laços de amizades e afetividades que são construídas uns com os outros; a valorização cultural que se desenvolve diante de tais projetos que envolvem a arte como prática pedagógica de ensino-aprendizagem, que vão além dos muros do CRAS, já que envolvem o cotidiano e o contexto real desses indivíduos.

Vivenciar essa peça teatral nos possibilitou perceber que há muitas pessoas que sofrem preconceito, racismo, dentre outras discriminações que não são expostas e nem denunciadas, o que não foi o caso de Jhenyfer que buscou ajuda para solucionar este ato de intolerância a cor

da pele. Essa história relata que muitas pessoas que sofrem com o preconceito não têm consciência ou informações da gravidade do fato. No caso de Jhenyfer, ela sabia o que era racismo e fez de sua história vivida uma história retratada na arte e na encenação. Suas experiências com o assunto a fez ter coragem de colocar no papel sua situação de exclusão e marginalização. Este projeto teve uma grande participação e dedicação de todos, destacamos a importância de cada etapa do projeto para o desenvolvimento e a relação do público infantojuvenil com a arte e a cultura popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este texto, destacamos que o trabalho é de suma importância para nossa formação enquanto futuras educadoras da educação do campo. Além disso, demarcamos que ele tem um significado primordial ao relacionar o contexto do público infantojuvenil com o suporte teórico dos envolvidos deste projeto, já que, foi um processo construtivo, comunitário e reflexivo para o ensino-aprendizagem de todos que fizeram parte das etapas da ação educativa comunitária.

Este trabalho proporcionou momentos construtivos e de análise crítica sobre ações que envolvem a arte, a cultura popular e a diversidade dos espaços comunitários, pois os educadores sociais precisam discutir e vivenciar os diversos contextos, com atuação específica e transformadora, ou seja, com um olhar diferenciado para os que estão envolvidos, visto que, a partir das novas ações podemos buscar alternativas para a relação de metodologias e práticas que são dialogadas com o contexto e a realidade que os alunos estão inseridos. A nossa atuação e a do educador social mostrou a relevância de um trabalho em conjunto, pois teve diálogo e a participação direta de ambas as partes, proporcionando um resultado rico em detalhes e amplitude de novos conhecimentos.

Fazer parte de discussões e de contextos marginalizados mostra que ainda mesmo com os diálogos, com as lutas pelos direitos de igualdade, por espaços, por inclusão e respeito, o racismo ainda é predominante na sociedade, podemos identificar essa realidade, quando observamos mais criticamente os espaços que pessoas brancas ocupam e relacionar com a quantidade de negros existentes, que não têm, muitas vezes, os mesmos direitos e acesso a todos os espaços ocupados pelas pessoas brancas.

Somos frutos de uma miscigenação, da qual os negros fazem parte da nossa formação e diversidade cultural. Carregamos raízes originárias e africanas, somos seus descendentes. Neste sentido, somos todos iguais. Assim, possamos refletir como futuras educadoras sobre o

nosso papel de nos impor em determinadas experiências e contextos que requerem nossa criticidade como cidadãos e profissionais transformadores.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Silmara Lídia Moraes. A IMPORTÂNCIA DO TEATRO NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA. **PUCPR**, S.l, p.601-609.

GADOTTI, Moacir. EDUCAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Diálogos: Pesquisa e Extensão Universitária**, Brasília, v. 18, n. 2, p.10-31, 2012. Anual.

MATIAS, Márcia Ferreira de Lima et al. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE COMO ELEMENTO CULTURAL NA FORMAÇÃO DOS CIDADÃOS. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **III CONEDU**. S.l: S.E. p. 1 - 12.

MIRANDA, Juliana Lourenço et al. TEATRO E A ESCOLA: funções, importâncias e práticas. **CEPPG**, S.l, n. 20, p.172-181, 2009.

RODRIGUES, Rafaela Nathalia Larocca; SOUZA, Leonardo Jeronymo de; TREVISI, Vanessa Cristina. ARTE-EDUCAÇÃO: A RELEVÂNCIA DA ARTE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, v. 4, n. 1, p.114-126, 2017.

SILVA, Sueli Melo. EDUCAÇÃO E RACISMO NO BRASIL. **Histedbr On-line**, Campinas, v. 18, p.93-99, 2005.

VILLAÇA, Iara de Carvalho. Arte-educação: a arte como metodologia educativa. **Cairu Revista**, S.l, p.74-85, 2014.